



**Município de Santa Marta de Penaguião**

**Assembleia Municipal**

**ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA REALIZADA NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS  
DO CONCELHO DE SANTA MARTA DE PENAGUIÃO, NO DIA 25 DE ABRIL DE 2024**

**N.º 02/2024**

----- **MESA DA ASSEMBLEIA:** -----

----- Presidente – Daniel Filipe Matos dos Santos, 1.º Secretário – José Emílio Esteves da Silva, 2.º Secretário – Paula Cristina Morais Guedes Borges. -----

----- **PRESENCAS:** -----

----- **Deputados Municipais Eleitos pelo PS:** -----

----- Jorge Manuel Madureira da Silva Sampaio, Rosa Martins Cardoso, Inês Nogueira Rebelo, João Santos Silva, António Paulo Monteiro Pinto Conceição, Fernando Borges Moreira, Gil Carlos Lourenço Teixeira, Ângelo Armindo Barreira Sequeira, António Júlio Mesquita Fernandes, José Manuel Amorim Almeida e Manuel Aguiar Rego. -----

----- **Deputados Municipais Eleitos pela Lista “Fazer Mais Pela Nossa Terra”:** -----

----- Isabel Maria Mourão Felizardo. -----

----- **Deputados Municipais Eleitos pela Lista “Por Medrões Sempre”:** -----

----- Branca Maria Magalhães Bernardo Mota. -----

----- **Deputados Municipais Eleitos pela coligação PPD/PSD e CDS-PP:** -----

----- Jóni André Borges Madureira, Jorge Miguel Ribeiro Teixeira, Maria Manuel Aires Nogueira, Tiago Borges Magalhães, Eugénio Conceição Borges Rocha e Maria Enide Gouveia da Silva Menezes Seixas. -----

----- **AUSÊNCIAS JUSTIFICADAS:** Não houve. -----

----- **AUSÊNCIAS INJUSTIFICADAS:** Não houve. -----

----- **PRESENCAS DA CÂMARA MUNICIPAL:** Luís Reguengo Machado, Presidente da Câmara, Sílvia da Fonseca Silva, Vice-Presidente, Fernando Mourão Gonçalves, Hugo Alexandre da Cunha Sequeira e Daniel Joaquim Andrade Teles, Vereadores. -----

----- **SECRETARIOU:** Pedro Miguel Amaral Madureira Sampaio, Assistente Técnico da Secção de Recursos Humanos, Expediente Geral e Arquivo. -----

----- **HORA DE ABERTURA:** 10:00 HORAS. -----

----- **ABERTURA DA SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 50º ANIVERSÁRIO DO “25 DE ABRIL”** -----

----- **1 – ABERTURA DA SESSÃO SOLENE:** -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia deu início à Sessão.** -----

----- *“Bom dia a todos os presentes, sejam bem-vindos ao salão nobre dos paços do concelho.*

*Em nome da mesa da assembleia agradeço a todos por terem acedido ao convite do município*

*para as comemorações do 50.º aniversário do 25 de abril. Aos membros da assembleia*

*municipal um bem-haja por terem acedido ao convite, também ao digníssimo executivo*

*municipal uma saudação especial pela presença e um agradecimento muito especial ao nosso*

*público por marcar presença nesta sessão solene. Uma saudação à Banda da Música da*

*Cumieira que nos tem habituado a abrilhantar este dia comemorativo da revolução dos cravos,*

*um agradecimento à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários pela já habitual*

*presença nas comemorações do 25 de abril. Ao nosso Agrupamento de Escolas de Santa*

*Marta de Penaguião, direção, professores e alunos o nosso muito obrigado por terem aceite*

*o desafio de integrarem as nossas comemorações do 25 de abril.* -----

----- *As comemorações do 25 de abril é um momento único na vida da população e sem*

*qualquer dúvida é um ato nobre lembrar todos os que participaram na revolução dos cravos*

*e demonstraram aos mais jovens a sua importância.* -----

----- *Vamos dar início à comemoração solene do 50.º aniversário do 25 de abril e, portanto,*

*nesta sessão irão intervir 3 alunos do 9.º ano do Agrupamento de Escolas de Santa Marta de*

Penaguião, os representantes das forças políticas com assento nesta assembleia, o Sr. Presidente da Câmara e o Presidente da Assembleia Municipal. “ -----

----- **O Sr. Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra aos alunos do Agrupamento de Escolas de Santa Marta de Penaguião que proferiram as seguintes palavras:** -----

----- “Bom dia a todos. -----

----- Desde já, o nosso sincero agradecimento pela possibilidade de intervir neste evento festivo e revestido de significado. Viva a liberdade, viva o 25 de abril. -----

----- Portugal: da 1ª República à Ditadura Militar. -----

----- Para que melhor se perceba o dia que hoje, comemoramos, importará fazer uma breve contextualização histórica. Neste contexto, nos finais do século XIX, Portugal viu-se fortemente abalado pela crise económico-financeira que atingiu a Europa e que se traduziu na falência de bancos e de empresas, no aumento da dívida pública e na desvalorização da moeda. Portugal continuava com uma balança comercial deficitária, continuando a importar mais do que exportava, e recorria ao aumento de impostos e ao pedido de empréstimos para cumprir o pagamento das dívidas. O descontentamento político e social era crescente e visível nas numerosas greves e manifestações que se multiplicavam pelo país. Também a burguesia, gravemente afetada pela falência de bancos e de pequenas e médias empresas, tinha motivos de desagrado. Neste contexto, a monarquia vivia tempos difíceis. -----

----- O Ultimato inglês de 1890, um conflito diplomático com a Grã-Bretanha que exigia a retirada das tropas portuguesas do território entre Angola e Moçambique, causou muito descontentamento no país. O facto de Portugal ter cedido às exigências britânicas foi encarado como um ato de traição do rei e dos seus conselheiros, aspeto aproveitado pelo Partido Republicano que via crescer o número de adeptos. A 1 de fevereiro de 1908, deu-se o regicídio: o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe foram assassinados em Lisboa. D. Manuel II assumiu o trono, mas não conseguiu evitar a queda da monarquia. -----

----- *Dá-se a proclamação da República a 5 de outubro de 1910, tendo sido formado um governo provisório, chefiado por Teófilo Braga, que acabou por conduzir o país até ao momento de aprovação da Constituição Republicana, a 21 de agosto de 1911. Esta, defendia a separação dos poderes e a existência de Câmaras representativas da Nação. -----*

----- *Para marcar a diferença em relação à monarquia, adotou-se uma nova bandeira, um novo hino nacional e uma nova moeda. as principais realizações da República passaram, ainda, pela promulgação das "Leis da família", que vieram garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres; permitiram-se as greves; passou a haver proteção na doença e velhice; separação da Igreja do Estado; legalização do divórcio; estabelecimento da escolaridade obrigatória entre os 7 e os 10 anos. Houve, também, um conjunto de medidas financeiras que pretendiam o equilíbrio das contas públicas. -----*

----- *Apesar das várias realizações da 1ª República, assim como das elevadas expectativas, durante 16 anos, a República teve 45 governos e 8 presidentes, resultando numa degradação do regime parlamentar. -----*

----- *A participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial foi outro fator de descontentamento social: não se reunia o consenso da população e os elevados custos da guerra, juntamente com o custo de vida e a falta de alimento, só aumentavam a insatisfação da população. Desta feita, sucederam-se várias tentativas de derrube do regime. -----*

----- *Neste seguimento, em 1917, alguns grupos da sociedade apoiaram a implementação de um regime autoritário, liderado por Sidónio Pais, que terminara em 1918, com o seu assassinato. Os momentos que se seguiram foram conturbados, tendo sido proclamada a monarquia no norte do país. -----*

----- *Entre 1919 e 1926, a instabilidade política, agitação social e as dificuldades económicas criavam condições para o crescimento dos adeptos de soluções autoritárias. Os exemplos dados por Espanha e Itália, onde se implementaram, na década de 1920, regimes autoritários, convenciam cada vez mais a população. A 28 de maio de 1926, o general Gomes da Costa,*

*acompanhado das suas tropas, derruba o governo, suspende as liberdades individuais, dá a conhecer o fim da República parlamentar e instaura a ditadura militar. -----*

*----- Durante os primeiros anos de Ditadura Militar em Portugal (1926-1928), continuou a viver-se um período de instabilidade política, financeira e económica. Os chefes de governo sucediam-se a um ritmo acelerado, fruto dos desentendimentos entre os militares na chefia. A sua incapacidade para reduzir o défice orçamental e criar condições para estabilidade fracassou, fazendo esmorecer a adesão da sociedade que se fizera sentir nos primeiros tempos. Perante esta situação, em 1928, o Presidente da República, general Óscar Carmona, convidou António de Oliveira Salazar para a pasta das finanças, tendo resolvido, rapidamente, os problemas financeiros do país à custa do aumento dos impostos, diminuição dos salários dos funcionários públicos e de um controlo apertado dos orçamentos de todos os ministérios. Após ter equilibrado as contas do Estado, foi encarado como o "Salvador da Nação" e, em 1932, nomeado Presidente do Conselho (Primeiro-Ministro). Em 1933, foi aprovada uma nova Constituição, que pôs fim à Ditadura Militar e dava início ao Estado Novo, consistindo num período de ditadura semelhante à dos regimes ditatoriais italiano e alemão, caracterizado pela construção de um Estado forte e autoritário, dirigido por um chefe por todos obedecido; existência de por um partido único; patrões e empregados organizavam-se em corporações para pôr fim à luta de classes e controlar opositores; a pátria estava acima de qualquer valor individual; vivia-se num espírito completamente conservador, assente em Deus, Pátria e Família; carácter fortemente violento e agressivo, materializado na censura prévia e pela polícia política - PIDE - que se distinguia pela violência com que interrogava, torturava e assassinava os opositores ao regime. -----*

*----- Com o fim da 2ª Guerra Mundial e conseqüentemente a derrota do fascismo e do nazismo, criou-se a expectativa de que a queda do regime salazarista estaria para breve. Pressionado por várias vias, sobretudo a internacional, e por forma de se manter no poder, o Estado Novo procurou dar a entender uma certa abertura aos princípios democráticos. Contou, ainda, com*

o apoio de poderosas elites sociais, distribuídas pela burguesia endinheirada, grande parte do clero católico e pelas forças militares. -----

----- Nas décadas de 1960 e 1970, Portugal era um país que continuava a registar um atraso significativo relativamente aos restantes países da Europa: grande parte da população continuava a dedicar-se à agricultura e vivia em condições difíceis de pobreza. Houve um intenso movimento migratório para as áreas urbanas e industrializadas e para as províncias ultramarinas. -----

----- A emigração portuguesa revelou, de forma muito evidente, a pobreza e a miséria a que muitas famílias estavam expostas. Para trás ficava Portugal cada vez mais subtraído de população ativa, com as suas gentes envelhecidas e famílias divididas pela distância. Para o Estado Novo, a emigração resolveu uma série de incómodos: foi um fator de paz social, permitindo regular o mercado de trabalho e encher os cofres de Estado com os impostos cobrados pelas remessas de dinheiro enviadas pelos trabalhadores às suas famílias. -----

----- Após uma doença inesperada, em 1968, Salazar foi afastado do poder e substituído por Marcello Caetano. Sendo um político mais liberal, esperava-se que procedesse à necessária renovação política e liberalização do regime e, na verdade, entre outras mudanças, abrandou a ação da PIDE, moderou o papel da censura e permitiu o regresso de alguns exilados políticos. Contudo, a recusa da democratização ficou evidente com as eleições de 1969, através da qual, a fraude eleitoral, deu a vitória ao Partido do Governo. -----

----- Nos primeiros anos da década de 1970, Portugal dava claros sinais de descontentamento: a Guerra Colonial prolongava-se, o regime continuava repressivo e atravessava-se um período de crise económica. Este clima de insatisfação era ainda mais evidente na classe militar que, em julho de 1973, fez nascer o Movimento dos Capitães, mais tarde, Movimento das Forças Armadas (MFA) que, entre outras exigências, reivindicava uma solução política para a guerra em África. -----

----- A forte resistência do Governo demonstrou a impossibilidade desta intenção, pelo que, com o objetivo de derrubar o Estado Novo, o MFA preparou a operação "Fim de Regime" que, sob o comando do major Otelo Saraiva de Carvalho, decorreu na madrugada de 25 de abril de 1974. -----

----- Com o apoio de várias unidades militares do país, nas primeiras horas, foram ocupados as estações de rádio e a RTP, o aeroporto e os quartéis militares de Lisboa e Porto. Apenas o Regimento de Cavalaria 7 saiu em defesa do regime, mas foi neutralizado pelo capitão Salgueiro Maia e que, seguidamente, cercou o quartel do Carmo e exigiu a rendição de Marcello Caetano. A polícia política rendeu-se na manhã seguinte. -----

----- Nas ruas, a tristeza deu lugar à alegria, em vez de censura, liberdade. Ao fim de 48 anos, terminava a ditadura mais longa da Europa ocidental. O que é a liberdade para aqueles que nasceram depois 25 de abril? -----

----- Conforme se lê no livro de Maria Alice Samara e Raquel Pereira Henriques, a "Revolução dos Cravos foi, sem dúvida, uma rutura e um corte, mas tal não significa que se tenham apagado todos os vestígios do anterior regime. Permaneceram traços, sombras e uma pesada herança que subsistiu no Portugal democrático e na memória daqueles que viveram estes tempos". -----

----- Por forma a valorizar mais e melhor a boa realidade que nos cerca, atentemos no testemunho de Maria Isabel Rodrigues Gonçalves, vertido para o livro anteriormente indicado: *Em Portugal e antes de eu ir para a Suíça (1970)*, e apesar de ser muito jovem, o que sentia, e eu e os outros, é que havia algo como um bicho papão que pairava, que não podíamos falar de tudo e que devíamos ter medo de qualquer coisa. Sabíamos que tínhamos de ter cuidado com todas as pessoas que não conhecíamos bem, porque algumas podiam ser informadores da PIDE. Tínhamos consciência que havia polícia política, que havia censura e não havia liberdade de expressão. Salazar, por exemplo, não se falava de Salazar. Porque podíamos ser mal interpretados, porque podíamos ser denunciados, porque podiam vir a casa e levar

nos ou aos nossos pais. No fundo, toda a gente tinha medo de toda a gente. Não se confiava a 100% (Sarnara, M.A & Henriques, R. P., 201-3, p.:93). -----

----- Conforme lembrou o historiador António Reis, que fora estudante na Suíça: quando regressava sentia o contraste imenso entre viver num país livre e no Portugal de Salazar. Os contactos com amigos de liceu e universitários faziam me sentir ainda mais esse contraste. Muitas vezes me coloquei a questão se valia a pena voltar para Portugal. Voltei porque tive a sensação de que, eticamente, era meu dever estar cá dentro e combater cá dentro. Poderia ter ficado lá fora, auxiliado pela rede do Partido Socialista. Escolhi combater, por dentro (Sarrnmi. M. A., & Henriques, R P., 2013, p.95 e 96). -----

----- Depois desta contextualização histórica, surge a questão: o que é ser livre quando se nasce depois do 25 de abril? -----

----- Quando refletimos sobre o conceito de liberdade, este apresenta-se como algo complexo e que facilmente pode ser entendido de diversas maneiras, dependendo do contexto cultural, histórico, filosófico e político. Em termos gerais, a liberdade refere-se à capacidade de agir, pensar ou expressar-se sem restrições externas. Isso inclui, por exemplo, a liberdade de escolha, de movimento, de expressão, "de crença religiosa". -----

----- Em resumo, a liberdade é um valor fundamental que permite às pessoas viverem as suas vidas de acordo com as suas próprias escolhas, crenças e valores, desde que não interfiram, injustamente, nos direitos e liberdades dos outros. -----

----- Para aqueles que nasceram depois do 25 de abril em Portugal, a liberdade pode ser vista como um direito fundamental e uma realidade quotidiana. A boa revolução marcou o fim de décadas de ditadura em Portugal e trouxe a democracia ao país. Para as gerações posteriores, a liberdade significa viver num ambiente onde todos podem usufruir do direito de expressar as suas opiniões, de escolher os seus líderes por via de eleições democráticas, de participar ativamente na sociedade e de usufruir de uma série de outros direitos e liberdades individuais. -----



----- *Claramente que os mais novos terão uma sensibilidade diminuída perante as conquistas que foram feitas neste dia e, também por isso, esta intervenção, juntamente com todas as comemorações levadas a cabo, são importantes: é fundamental olhar a História, aprender, não esquecer e lutar sempre pela nossa liberdade.* -----

----- *Em jeitos de conclusão, "A nossa história recente está, assim, marcada por muitos dos fantasmas do passado salazarista e, simultaneamente, pelo perigo do esquecimento e do apagamento. Muitas das memórias e hábitos do passado podem surgir de forma inusitada" (Samara, M. A., & Henriques, R. P., 2013, p.89). Neste seguimento, "Sobre a questão do branqueamento e em nome de uma memória e património de luta, (...) é largamente insatisfatório o conhecimento e a valorização das características da ditadura fascista e do valor e heroicidade da luta das pessoas e organizações que se lhe opuseram. (...) assim, é considerado indispensável manter vivo o conhecimento do que foi a ditadura, reconhecendo o inestimável valor dos que contra ela lutaram" (Samara, M. A., & Henriques, R. P., 2013, p.90). Viva a liberdade!"* -----

----- *O Senhor Presidente da Assembleia agradeceu a intervenção dos alunos do Agrupamento de Escolas de Santa Marta de Penaguião, dando de seguida a palavra à Senhora Deputada Enide Seixas.* -----

----- **A Senhora Deputada Enide Seixas (Aliança Democrática PPD-PSD/CDS.PP), proferiu o seguinte discurso:** -----

----- *"Exmo. Sr. Presidente, da Mesa da Assembleia Municipal, e restantes elementos da Mesa, Exmo. Sr. Presidente, da Câmara Municipal, e restante Executivo, Exmos. Srs. Deputados Municipais, Exmos. Srs. Presidentes de Junta de Freguesia, Exmos. Srs. Representantes das Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Exmo. Público, caros penaguienses.* -----

----- Hoje, reunimo-nos para celebrar um marco crucial na história de Portugal - os 50 anos do 25 de abril. Este dia não pode ser considerado apenas uma data no calendário, mas sim um símbolo poderoso da luta pela liberdade, democracia e justiça social. -----

----- Há meio século, o povo português ergueu-se corajosamente contra um regime opressivo que sufocava as vozes dissidentes, reprimia a liberdade de expressão e mantinha vastas camadas da população na pobreza e na miséria. O 25 de abril não foi apenas uma revolução política, foi também uma revolução de valores, uma afirmação coletiva de que cada indivíduo merece dignidade, oportunidade e voz na condução do seu próprio destino. -----

----- A importância deste marco histórico não pode ser subestimada. Foi o ponto de partida para uma transformação profunda em Portugal, que abriu as portas para um novo capítulo de progresso, inclusão e desenvolvimento. Desde então, testemunhamos avanços significativos em todas as esferas da sociedade - desde a consolidação da democracia até a melhoria dos padrões de vida, passando pela expansão dos direitos humanos e pela promoção da igualdade de género. -----

----- Contudo, apesar das conquistas alcançadas ao longo destas cinco décadas, não podemos ignorar os desafios que ainda enfrentamos. A herança do 25 de abril é um compromisso renovado com a justiça social, a solidariedade e a inclusão. Temos a responsabilidade de garantir que os ideais pelos quais tantos lutaram e sacrificaram, não sejam traídos, mas sim perpetuados e fortalecidos para as gerações futuras. -----

----- Hoje, enfrentamos novos desafios - desde as ameaças à democracia e ao Estado de direito até às desigualdades crescentes e aos desafios ambientais. No entanto, podemos enfrentar estes desafios com confiança, sabendo que a coragem e a determinação que marcaram o 25 de abril ainda residem no coração do povo português. -----

----- À medida que celebramos este aniversário histórico, devemos renovar o nosso compromisso com os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Devemos trabalhar

*juntos, como uma nação unida, enfrentando os desafios do presente e construir um futuro melhor para todos os portugueses.* -----

*----- Como nos disse Adelino Amaro da Costa "Ser autêntico, viver de acordo com o que se pensa até às últimas consequências é difícil, mas tem um grande prémio".* -----

*----- E assim, terminamos com uma passagem de Francisco Sá Carneiro "O 25 de Abril foi para todos nós, o fim da ditadura. Os heroicos militares que prepararam e executaram a revolta realizaram um ato de libertação de si mesmos, mas consigo mesmos quiseram libertar Portugal inteiro."* -----

*----- Que o espírito do 25 de abril continue a guiar-nos nos anos vindouros, inspirando-nos a construir uma sociedade mais justa, solidária e próspera. Viva o 25 de abril! Viva Santa Marta de Penaguião! Viva Portugal! Muito obrigado."* -----

*----- O Senhor Presidente da Assembleia agradeceu a intervenção da Senhora Deputada Enide Seixas, dando de seguida a palavra ao Senhor Deputado António Júlio Fernandes. ----*

**----- O Senhor Deputado António Júlio Fernandes (Partido Socialista, Fazer Mais Pela Nossa terra e Por Medrões Sempre), proferiu o seguinte discurso: -----**

*----- "Cumprimento o Sr. Presidente da Assembleia Municipal, cumprimento o Executivo Municipal na pessoa do Sr. Presidente, cumprimento os Srs. Presidentes de Junta de Freguesia, cumprimento os Senhores Deputados Municipais, cumprimento as demais entidades religiosas, militares, minhas senhoras e meus senhores: -----*

*----- A data que hoje celebramos, á talvez a mais importante da nossa história recente! Celebramos abril! Celebramos os 50 anos da revolução de 1974. -----*

*----- Celebrar abril é celebrar a libertação do Povo para devolver ao Povo a condução dos seus destinos. -----*

*----- E eu quando opto por utilizar o verbo celebrar, é porque todos devemos estar orgulhosos de o poder fazer, porque 25 de Abril é sem dúvida uma das conquistas mais marcantes de toda a nossa história que nos deve ser motivo de regozijo e celebração. -----*

---- Mas, se assim é, a verdade é que não devemos ficar acomodados com aquilo que foi a conquista que os nossos antepassados nos deram porque se é verdade que a Liberdade para muitos de nós, nos foi dada, sem luta, sem suor ou esforço, também é verdade que hoje, como nunca, essa mesma liberdade que tínhamos por adquirida está a ser perigada pela súbita ascensão de partidos e ideologias extremistas, que minam as sementes dessa liberdade que foi construída entre nós pela força de um cravo. -----

---- Se aqui estamos hoje, devemos a uma conquista de Abril, para mim uma das maiores conquistas de Abril foi mesmo o poder democrático autárquico. -----

---- Os 50 anos do 25 de Abril serão a ocasião de celebrar tudo o que conquistamos em conjunto, mas também devem servir para nos alertar quanto a tudo o que podemos perder. Nenhuma democracia é perfeita e nenhuma está completa. Por isso mesmo, a todos nos deve orgulhar a construção da nossa democracia, e sobretudo da nossa liberdade! -----

---- Foi graças ao 25 de Abril que a liberdade nos foi dada, foi construir o que o fascismo negara, foram as mulheres a sair á rua de cabeça erguida e punho fechado, foi a luta pelos salários, pela habitação, a exigência de ter médico a quem recorrer, ou escola onde aprender, foi o querer uma igualdade por inteiro. -----

---- Contudo eu prefiro neste dia olhar para o futuro, olhar para o futuro com a consciência das suas dificuldades. -----

---- Não vamos fazer destas celebrações, apenas mais uma, em palavras repetidas, em cravos esquecidos no peito ou pior, declarações inócuas! -----

---- Digo abertamente, nesta data celebrativa que a nossa democracia não está garantida e sofre hoje o maior ataque á sua sobrevivência! -----

---- As forças extremistas, xenófobas, conservadoras, racistas, e vou mesmo mais longe e falo de forças de ódio que hoje vestem a pele de partidos políticos, fazem perigar a nossa democracia. -----

----- Mas estão enganados os que pensam que são apenas essas forças que fazem perigar a nossa democracia. -----

----- Fazem perigar a nossa democracia as fracas declarações e as fracas políticas de alguns agentes e governantes, onde praticamente defendem que não se pode aspirar a mais que a gorjeta ou pior, a emigrar, nada pior que isto, como se o Governo não fosse para resolver os problemas do povo. O Pulsar do salve-se quem puder, os ideais de desesperança negam resposta ao concreto das vidas e às suas necessidades. A Política é uma escolha e só é uma escolha democrática quando a mesma é fonte de esperança, quando alimenta a construção de um futuro por o qual todos ansiamos. E as escolhas, somos nós que as tomamos, que as deveremos tomar, e são simples, eu escolho sempre o salário em vez do abuso, a casa em vez da especulação, o médico em vez do negócio da doença, um planeta para viver em vez da indústria extractivista. E nunca, escolherei ou defenderei um governo que rapidamente se transformou, que diz tudo e o seu contrário em pouco tempo, que parece uma máquina de publicidade em que já ninguém acredita, por muitos cravos que espete no peito, nunca vão deixar o povo colher os verdadeiros cravos de abril. -----

----- Mas o Povo, sabe bem aquilo que escolhe, sabe bem quem escolhe! -----

----- Sabe que abril se celebra em todos os cantos deste nosso Portugal, e nós Penaguienses, sabemos bem o que é celebrar abril. -----

----- Celebrar abril é todos os dias que um idoso vai á farmácia e o seu medicamento é compartilhado, celebrar abril é não ter que pagar para ter um livro de atividades, celebrar abril é ter fraldas compartilhadas, é ter o Programa de bem-estar habitacional que permite ter o mínimo de condições aos que mais precisam, celebrar abril é ter saneamento básico em todo o concelho! Abril deve ser celebrado todos os dias e as nossas conquistas lembradas, mas como disse, vamos olhar para o futuro! Temos que lutar, por uma justiça Social, uma justiça social onde cabem todos, de todos e para todos, onde ninguém é excluído. E nisso podemos nós penaguienses ter a certeza, que abril é por nós celebrado todos os dias. -----

----- Estamos no presente a trabalhar com olhos postos no futuro, e como tem vindo a ser apanágio deste município, a Educação é uma ancora, e a aposta na mesma uma realidade, deixo aqui um repto a aposta na literacia política dos jovens! -----

----- Temos que dar instrumentos aos jovens, dota-los de capacidades políticas, de semear neles abril, para um dia mais tarde colhermos líderes prontos para enriquecerem a democracia. -----

----- Temos que ser nós, os eleitos pelo povo a provar todos os dias que a democracia está viva, nunca baixando o nível de educação, nunca sendo um cata-vento político, e nunca estando alheios do nosso real trabalho que é servir o povo. -----

----- A liberdade, não se recorda, pratica-se! -----

----- Não podemos adormecer em democracia, temos que lutar pelos nossos ideais, temos que arrumar de vez com este bolor fascista que teima em sair da gaveta, temos que arrumar de vez com os velhos do restelo e com as ideias que tudo está mal, com os que tudo dizem e nada fazem, e arrumar de vez os que atiram a pedra e escondem a mão, que não ajudam a enriquecer a nossa democracia, mas sim em denegrir a mesma, e falo mesmo em denegrir as mais diversas instituições, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, e mesmo o governo central. -----

----- Que Orgulho é celebrar abril com os Penaguienses! Que bom é celebrar 50 anos de lutas e de conquistas, tendo mais que uma mulher a presidir as suas juntas de freguesia, ter uma vice-presidente de câmara também ela uma mulher, ter na liderança de cada bancada municipal jovens, ter um Presidente de Assembleia dos mais jovens do País, e ter um Presidente de Câmara que é um verdadeiro democrata, reconhecido por todos sendo recém-eleito presidente da CIM. -----

----- O Povo sabe bem o 25 de Abril que quer, vamos todos celebrar abril, por muitos mais anos, e tentar que Santa Marta de Penaguião, seja um concelho cada vez melhor, cada vez

*mais atrativo, enfim um sítio onde abril seja sempre celebrado! Isto é celebrar abril, isto é celebrar a democracia!” -----*

----- O Senhor Presidente da Assembleia agradeceu a intervenção do Senhor Deputado António Júlio Fernandes, dando de seguida a palavra ao Senhor Presidente da Câmara Municipal Dr. Luís Machado. -----

----- **O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santa Marta de Penaguião, Dr. Luís Machado, proferiu o seguinte discurso:** -----

----- *“Bom dia a todos e todas, aos nossos jovens, é sempre um gosto tê-los cá, Sr. Presidente da Assembleia, Mesa da Assembleia, Srs. Deputados Municipais, meus colegas do Executivo Municipal, Srs. Padres muito obrigado por terem vindo, Srs. Comandantes dos Bombeiros Voluntários de Santa Marta de Penaguião e Fontes, Dirigentes Associativos, Ex-autarcas é sempre bom ver entre nós autarcas que exerceram funções há já alguns anos, o que quer dizer que de fato estamos mesmo em abril. -----*

----- *Normalmente estes momentos de celebração do 25 de abril impõe sempre um discurso formatado, se ouvirmos os 308 Presidentes de Câmara do País quase todos dizemos o mesmo, cada um à sua maneira, mas hoje eu permiti-me, e digo “permitted-me”, não vos peço permissão, porque tenho 60 anos e tinha 10 anos no 25 de abril de 1974, e é importante nós percebermos que muitos de nós aqui, felizmente, sabemos onde estávamos nesse dia. Eu estava, às 8h50, quando a falecida Sra. Maria do Loreto, que era a contínua da escola, veio dizer que havia uma coisa em Lisboa e que como tal não havia aulas. Onde é que nós fomos? Todos para casa. Hoje naturalmente íamos todos festejar para algum lado ou então jogar à bola, nessa altura foi tudo para casa, ficamos tão assustados que todos regressamos a casa. E Santa Marta de Penaguião, 50 anos, são muitos anos. Eu acho que faz sentido, aqueles que tiveram oportunidade como eu de viver o 25 de abril, que hoje não façamos um discurso político, mas que falemos dos sentimentos que tivemos ao longo do tempo. E Santa Marta de Penaguião na altura era, a Escola, era a Casa do Douro, era a Adega, era a Sacor que agora*

é Galp, era a Quinta da Calçada, era a Quinta de Santa Marta, eram aqui as lojas da Maria Pequenina e do Nelo Sapateiro, era o Quim do Melo que era a padaria, era o Grémio, era a Casa Borges, era a Casa do Chaves, era a Casa da Costinha, a Quinta da Pitarrela, a Quinta das Canas, a Quinta do Chiquinho, e meia dúzia de casas. O que é que nós somos hoje? Ninguém pode ter dúvidas que o que nós somos hoje o devemos a abril de 1974. E esta é para todos nós, aquilo que nós devemos reconhecer a quem, também nós, e daqui de Santa Marta de Penaguião, duas pessoas perderam a vida, o Guilhermino e o Afonso, que era tio direito do nosso Afonso, o Zé Maria Lula que esteve desaparecido dois anos, e que todos nós em Santa Marta o demos como morto, e só os pais é que acreditavam que ele estivesse vivo, e passados esses dois anos, ele apareceu em Santa Marta de Penaguião, depois teve a infelicidade de falecer num acidente de viação, morrer não só ele como toda a família. Para os mais jovens, ele era cunhado do vosso Professor Artur Matos, tinha casado com uma irmã. E isto, é abril. Quando as pessoas dizem que nós devemos celebrar abril, eu discordo, só se celebra o momento, e se de fato 25 de abril foi o momento então não vale a pena celebra-lo porque já passou do tempo e já está muito repetido, foi celebrado 50 vezes. Nós temos obrigação é de viver abril, nós temos essa obrigação. A melhor forma de nós reconhecermos aos Capitães de abril todo esse trabalho, e todo o trabalho que foi feito pelos democratas é de facto, viver abril sempre e ser democratas sempre. E nós falamos sempre em democracia, o 25 de abril foi extraordinário porque trouxe a democracia, trouxe os famosos 3D, Democracia, Descolonizar e Desenvolver, fizemos algumas coisas bem, outras não, alguém se lembrou agora que temos de pagar uma dívida, que aliás nunca devíamos ter devido, mas só agora, por protagonismo balofo diria, é que querem fazer contas, não sabendo quanto devemos nem as contas que são infelizmente, mas isto é a democracia. E a democracia trouxe aquilo que todos nós queremos, que nós todos exigimos, mas que nunca se discute. O que a democracia e o 25 de abril nos trouxe foi, e não nos devolveu, foi principalmente o poder. E todos nós queremos ter poder. Mas será que nós algum dia, e fica aqui um desafio para os



senhores professores e alunos, será que nós algum dia fizemos uma reflexão profunda sobre o uso ou o exercício do poder? Será que nós durante estes 50 anos não confundimos muito o exercício do poder com o uso do poder? Eu lamento, mas eu acho que nós usamos muito mais o poder em termos de comunidade, há naturalmente exceções, de que exercemos o poder. E desde logo pelos Governantes, pelos principais Governantes. Se vocês se lembrarem, sempre que há dissolução da Assembleia da República, o Presidente da república seja quem for, diz sempre, vamos devolver o poder ao povo. Se vamos devolver o poder ao povo é porque este teve ausente do poder. Se nós vamos devolver alguma coisa à pessoa é porque a pessoa não a tinha. Ora quando um governante diz que vai devolver o poder ao povo, é porque o povo, durante algum tempo, não teve esse poder. E é isto que nos importa refletir. Nós temos muitos poderes. Temos o poder institucional que cada vez é menor, cada vez é mais difícil, por um lado exerce-lo porque está sempre com uma discriminação negativa que o está a usar, e depois, há todos os outros poderes falados no nosso País, nas nossas pessoas que podem ser das mais variadas razões. Temos ultimamente, um poder invasivo e intrusivo nas pessoas e nas famílias, não temos até hoje, governantes que se tenham juntado todos, e hoje era um bom dia para os líderes partidários se juntarem em algum sítio e dizerem que esteve poder invasivo, intrusivo e desconsiderante para com todos os portugueses, estou a falar da justiça, continue na mesma, e ouviram ontem essas declarações de um processo que pelos vistos vai ser anulado e que fez cair um Governo. Temos um poder de decisão que está limitado por todos, porque nós autarcas, temos de fato esse Poder, mas dependemos sempre de outros, dificilmente nós temos o poder independente da decisão, e esse é outro problema que nós temos. Nós somos eleitos e depois precisamos sempre de outros para decidir, será que nós temos o poder da decisão? Ou não? Temos desde logo, outro poder que vou deixar para o fim, que é o poder do voto, e vou partilhar convosco um sentimento que tive nas últimas eleições. Depois temos o Poder da Comunicação Social que está incontrollável, faminto por razões económicas, porque se derem conta sempre que aparece uma notícia mais

entusiasmante, mais espetacular apanhamos com um bloco de publicidade infinito. Ora, como é que este Poder da Comunicação Social tem que ser gerido? Como é que tem de se respeitar as pessoas que o usam? Depois temos o Poder das Redes Sociais, perfeitamente descontrolado, valorizado em muitos, potenciado em função de resultados eleitorais, e até assistimos agora a uma força política que usa e abusa, com princípios discutíveis, com respeitabilidade discutível, principalmente dirigida aos jovens, sem respeito pelas Instituições, e nada é feito. Não sei se abril está naquele espaço de comunicação. Depois temos o poder das oposições, que normalmente perdendo querem mandar, não querem reconhecer a eleição do partido ou coligação que ganha, e depois quando não estão satisfeitos vão para a comunicação social e redes sociais de forma diremos, menos cuidada, para demonstrar o seu descontentamento porque eles na oposição não conseguiram levar a bom termo aquilo que pretendem, esquecendo-se que de fato estão na oposição. Assistimos, e foi dito aqui, nós temos, em relação a 1974, uma capacidade de assistência social acima da média, penso que somos o 2º ou 3º país da união europeia que mais se dedica às pessoas e mais as apoia, mas também sabemos que há um Poder de vitimização. Quando as pessoas, por uma razão ou outra, não têm direito a um apoio, a primeira coisa que dizem ao presidente é que contou comigo, mas para a próxima já não contem. Este poder escondido, é um poder que as pessoas usam naturalmente, é um poder emocional, mas que nós temos que repudiar porque senão não conseguimos ser livres. Depois temos um Poder eterno, há de fato muitos governantes e políticos, que só vivem bem tendo poder, e esse é outro problema. Nós repetimos muitas vezes, nós queremos tanto poder que até em dois meses, isto a falar em causa própria, que temos candidatos que querem ir para dois lados em apenas dois meses, temos candidatos a deputados europeus que foram candidatos a deputados da assembleia da república, portanto, esta vontade enorme de ter Poder, de querer estar no Poder é outro problema que nós temos desde abril. Depois também há um Poder de comodismo, um poder em que as pessoas não querem fazer nada, mas querem ter direito a tudo, não participam em nada, mas querem ter

*direito a tudo. Temos o poder associativo que foi uma das grandes conquistas de abril, mas que as nossas associações pouco fazem em defesa desse mesmo abril. E podemos contar, eu diria que os eventos no nosso distrito levados a cabo por associações culturais, desportivas ou recreativas, são há muito tempo absorvidas e deixadas absorver, normalmente pelos Municípios. E temos também um Poder de inibição, que é aquele que nós sabemos que tínhamos de fazer assim, mas não fazemos, porque as pessoas usam o poder que têm para, não concordando, castigar, e isso acontece muitas vezes. E este poder de inibição é aquilo que nos leva a não ter pactos de regime no governo, nenhum partido está disponível para uma grande decisão, seja na saúde ou na educação, este poder inibitório vai fazer com que nas eleições possa não ser reconhecido, e isto tem de ser falado em abril. E temos muitos mais Poderes ocultos, que são normais pelas pessoas da rua, mas que de facto não conseguem viver abril. E por isso, e como também tenho felizmente muitos anos de abril, eu acho que chegou a altura de nós percebermos bem, diferenciarmos bem o uso e exercício do Poder, a bem das pessoas, a bem das Instituições e a bem do País. E para isso, e para terminar, eu não vos peço para celebrar abril sempre, peço-vos para sentir 24 de abril de 1974 e para viveres sempre na madrugada de 25 de abril, nós precisamos de uma revolução todos os dias, a bem da nação, a bem de nós, a bem das pessoas e do nosso País. Muito Obrigado.”*

**----- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Santa Marta de Penaguião, Daniel Filipe Matos dos Santos, proferiu o seguinte discurso: -----**

*-----“Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhora Vice-Presidente e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, Agrupamento de Escolas de Santa Marta de Penaguião, Senhores Párocos, Senhoras e Senhores colaboradores da Câmara Municipal Autoridades Civas, Distintos e amigos Penaguienses: -----*

----- Quero desde já agradecer a vossa presença, que muito dignifica a data que hoje estamos aqui a comemorar. Estamos a comemorar os 50 anos de abril, homenageando todos aqueles que demonstraram coragem e lutaram para que todos possamos viver em liberdade e em democracia. -----

----- Vou citar um poema de Sophia de Mello Breyner que evidencia, na minha opinião, de forma sublime, a importância da Revolução dos Cravos: -----

----- "Esta é a madrugada que eu esperava O dia inicial inteiro e limpo -----

----- Onde emergimos da noite e do silêncio -----

----- E livres habitamos a substância do tempo" -----

----- Quando falo de abril relembro sempre uma pessoa, o meu avô, que infelizmente já não está entre nós, mas que ao longo de muitos anos me foi transmitindo apaixonadamente os valores de abril. Que não deixemos morrer esta paixão e que todos consigamos passar às gerações mais jovens que o 25 de abril não é apenas uma data, ou a comemoração de um dia, que foi Grande e libertador! -----

----- O 25 de abril é um conceito abrangente em todo o seu esplendor, é uma filosofia de vida que permite a interação e o respeito pelo outro, onde cada um se desenvolve e ocupa o seu papel, conhece o seu lugar, o seu espaço e o seu tempo. -----

----- Que saibamos todos cumprir com esta premissa e que consigamos ter sempre a coragem de ultrapassar todos os obstáculos e que nunca baixemos os braços perante os desafios que nos são colocados. -----

----- A todos peço que não nos deixemos levar e que estejam atentos às práticas populistas que se vão verificando, práticas estas que podem ir fragilizando os ideais de abril. Celebrar abril é, e será sempre resistir e sonhar de novo. -----

----- Por isso, o sonho comanda a vida, que nunca deixemos de sonhar e de trabalhar para que as pessoas possam viver bem e felizes. -----

----- Citando um grande humanista, Nelson Mandela: -----

----- O que vale na vida não é o simples facto de termos vivido. É o que temos feito de diferente na vida de outras pessoas que irão determinar o significado da vida que levamos". -----

----- Caros e amigos Penaguienses -----

----- A liberdade conquistada em abril de 74 permite-nos, hoje, expressarmos livremente as nossas opiniões e convicções, sendo também a mesma liberdade que nos exige, na vivência democrática, sentido de responsabilidade, ética e respeito. -----

----- No 50.º aniversário do 25 de Abril, importa relembrar o que conseguimos e o caminho que teremos de percorrer para continuarmos a construir um país onde as desigualdades sociais possam ser uma miragem e onde todos consigamos ter um papel ativo e de relevância na nossa sociedade. -----

----- Assim, importa olhar com gratidão para o que as gerações precedentes nos deram e conquistaram. A elas se deve o sistema educativo que temos, o serviço Nacional de saúde, a independência da justiça, bem como um conjunto de direitos conquistados que dignificam a qualidade humana. -----

----- Face ao que já foi referenciado anteriormente o Poder Local é também uma das maiores realizações do 25 de abril, onde se promoveram profundas transformações sociais na melhoria das condições de vida da população e na superação de enormes carências, percebendo sempre e respeitando as especificidades dos territórios e das suas gentes. -----

----- O Poder local valorizou a educação e a saúde. Respeitando o ambiente e o território. Preservou a identidade e a cultura dos concelhos. Protegeu os mais idosos. Cuidou dos mais pequenos. Estando no terreno, todos os dias. Administrando e investindo no território, nas pessoas e na sua qualidade de vida. -----

----- Enquanto município e Presidente da Assembleia Municipal é com um enorme orgulho que digo que sou penaguiense! Que sinto muito orgulho nesta terra, que é a minha. Uma terra de afetos. Uma terra de trabalho, uma terra de sonhos, uma terra em que jamais as pessoas se rendem, uma terra de liberdade. Aqui em Santa Marta de Penaguião, recordamos abril.

Recordamos as motivações, as conquistas, os desafios e os sonhos. Aqui na nossa terra, lembramos abril a pensar no presente e a projetar um futuro onde queremos que todos vivam bem e felizes. -----

---- Não terminarei o meu discurso sem manifestar a minha profunda solidariedade com as vítimas inocentes da guerra e do que muito têm sofrido ao longo dos últimos tempos. -----

---- Neste dia, permitam-me para concluir a minha intervenção, que recorde, e cite, um dos grandes lutadores pela liberdade e um dos maiores poetas contemporâneos, Manuel Alegre:

---- Foram dias, foram anos a esperar por um só dia. -----

---- “Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía -----

---- Com seus riscos e seus danos. -----

---- Foi a noite e foi o dia -----

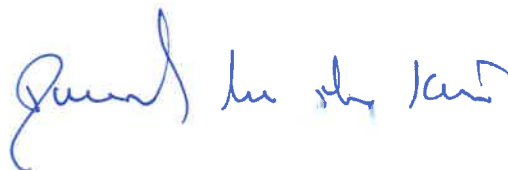
---- Na esperança de um só dia.” -----

---- Viva o 25 de abril Viva a Liberdade! Viva Santa Marta de Penaguião! Viva Portugal!” -----

---- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a Sessão Solene do 50º Aniversário do 25 de abril, desejando a todos os presentes um bom feriado e que os valores de abril permaneçam em todos. -----

---- E nada havendo mais a tratar, foi lavrada a presente Ata, a qual vai assinada pelo Presidente da Assembleia Municipal e por mim, José Emílio Esteves da Silva, com funções de 1.º Secretário, que a elaborei. Foi encerrada quando eram 11:20 horas. -----

O Presidente da Assembleia



Daniel Filipe Matos dos Santos

1.º Secretário



José Emílio Esteves da Silva